PSTU

Opinião Socialista

Ano XIII - Edição 372 - Colaboração: R$ 2 - De 02 a 08/04/2009 - www.pstu.org.br

30 DE MARÇO
PROTESTOS GANHAM AS RUAS DO PAÍS

PETROLEIROS:
CINCO DIAS DE UMA GREVE RADICALIZADA E VITORIOSA

Páginas 8 e 9

SEM PROTEÇÃO I – Segundo a OIT, o Brasil é um dos países em que os desempregados têm menos proteção social: mais de 90% dos que perdem o trabalho não recebem o seguro-desemprego.

PÁGINA DOIS

SEM PROTEÇÃO II – A pesquisa mostrou ainda que, do montante mundial destinado a pacotes de estímulo contra a crise, não chega a 2% a fração investida em ações de proteção social.

"235 empregados prejudicados em benefício dos acionistas"

DETIDOS

Trabalhadores franceses da indústria americana 3M da cidade de Pithiviers detiveram mais um diretor da fábrica para obrigá-lo a abrir negociações sobre as demissões anunciadas na empresa. O plano da indústria é acabar com 110 postos dos 235 existentes. É a segunda vez que diretores de empresas são detidos depois de anunciarem planos de demissões. No início do mês, os operários da fábrica japonesa Sony de Pontonx-sul-l'Adour, no sudoeste da França, impediram a saída do presidente da empresa por uma noite, exigindo melhores indenizações após serem demitidos.

PÉROLA

"Houve uma tentativa de desmoralizar o Supremo Tribunal Federal."

GILMAR MENDES, presidente do STF, falando sobre a prisão de Daniel Dantas pela Polícia Federal. Ele ainda disse que a soltura do banqueiro corrupto salvou a Corte da desmoralização

CHARGE / AMÂNCIO

PROTESTOS E ARTE

Cerca de 200 trabalhadores da arte realizaram um protesto e ocuparam a sede da Fundação Nacional de Artes (Funarte), em São Paulo (SP). Dentre as reivindicações estão o fim do mecanismo de isenção fiscal da Lei Rouanet, a criação de um fundo público de financiamento para a cultura e verbas públicas para o setor. De acordo com os manifestantes, a Lei Rouanet foi formulada para garantir isenção fiscal às empresas privadas que investirem em uma determinada produção cultural. Os manifestantes alegam que a legislação prioriza apenas as produções que visam o lucro e beneficia somente a arte com fins mercadológicos.

ISABEL ESTARÁ SEMPRE ENTRE NÓS

No último dia 30, faleceu a companheira Isabel Cristina Baltazar, vítima de um ataque cardíaco fulminante. Militante da Corrente Socialismo e Liberdade, do Sindsprev/RJ. O PSTU manifesta solidariedade à família da Isabel, a seus companheiros de corrente e de sindicato. Isabel ficará na memória, especialmente daqueles e daquelas que com ela participam da luta de negros e negras, como sinônimo de consciência racial e de classe. Uma das melhores lembranças que possamos ter da Isabel era sua defesa apaixonada de suas idéias. Ela também sonhou: um mundo socialista, sem preconceitos e sem racismo.

CAMISINHA

Para ironizar a posição da Igreja Católica na prevenção da aids, preservativos com a imagem de Bento 16 foram lançados na França. Eles foram feitos para criticar o pontífice, que voltou a condenar o uso da camisinha na prevenção da doença durante visita à África. O continente vive um verdadeiro drama em função da epidemia. Pelo menos 70% dos casos de aids são detectados na África. Os governos, por sua vez, ignoram o problema e chegam a duvidar da existência da doença, como já fez o presidente da África do Sul.

Camisinha com a imagem de Bento 16 e a frase "eu disse não!"

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME:
CPF:
ENDEREÇO:
BAIRRO:
CIDADE: UF: CEP:
TELEFONE: E-MAIL:

○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO PSTU EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ BANRISUL ○ BESC ○ BANESPA
○ CEF AG. CONTA
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF)

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$	☐ SOLIDÁRIA: R$	☐ SOLIDÁRIA: R$

FORMA DE PAGAMENTO

☐ CHEQUE *
☐ CARTÃO VISA Nº VAL.
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. CONTA
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF)
☐ BOLETO

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues e Victor Pontes **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
(92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA
SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ
FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616 / 8442-6126

MARANHÃO
SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736

PARÁ
BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ
CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua Monte Castelo, 195
Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ
TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3024-3486 / 3024-3409

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO
SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

Veja todas as sedes em www.pstu.org.br

EDITORIAL

O DIA 30 FOI SÓ O INÍCIO

Lula que se cuide. O aprofundamento da crise (ao contrário da "marolinha" prevista pelo presidente) começa a se expressar na queda de popularidade do governo (que ainda conta com apoio majoritário entre os trabalhadores). Mais importante, no entanto, é que os trabalhadores e a juventude começaram a dar o troco.

No dia 30 de março, ocorreram mobilizações em todo o Brasil. Foi um verdadeiro dia nacional de lutas contra as demissões. Ocorreram atos de rua em todo o país, muitos deles com peso importante na vanguarda. Em várias cidades, foi o maior ato em muitos anos.

Além disso, houve algumas iniciativas importantes nas empresas, como a paralisação temporária na General Motors de São José dos Campos e nos canteiros de obras em Fortaleza, além de escolas no Rio de Janeiro. Houve também ações do movimento popular como o fechamento de estradas pelo MTST, com peso regional.

A Conlutas corretamente esteve no centro da criação desse ato unitário com a CUT e a Força Sindical, assim como participou das mobilizações com um peso muito importante. As colunas da entidade foram, em muitos lugares, as maiores (ou entre as mais volumosas) dos atos.

Foi também graças ao papel da Conlutas (junto com outros parceiros, como a Intersindical) que as mobilizações do dia 30 não se transformaram em atos governistas. CUT, Força Sindical e CTB tinham esse objetivo, mas a presença com muito peso de uma oposição de esquerda ao governo Lula impediu que isso ocorresse. Críticas, denúncias e exigências ao governo estiveram presentes com força nos protestos.

Basta ver o que poderia ser o dia 30 se dependesse só da CUT e da Força Sindical. Logo antes da mobilização em São Paulo, as direções da CUT e da Força estavam reunidas com o governo e as montadoras para fechar o acordo de prorrogação do IPI. Isso significa mais dinheiro público nas mãos das empresas estrangeiras, enquanto elas continuam autorizadas a demitir (por meio de PDVs e dos contratos temporários) mesmo na vigência do acordo. Não fosse o papel da Conlutas e seus aliados, os atos seriam a celebração desse tipo de "acordo".

Agora, é preciso dar continuidade nacional à mobilização, o que nem a CUT nem a Força vão querer. Para a Conlutas, o dia 30 foi o início de um plano de lutas que deve levar a um dia nacional de paralisação, como aconteceu recentemente na França. Para a CUT e a Força, foi uma mobilização sem continuidade, para evitar se chocar mais com o governo e as empresas.

É preciso seguir a luta direta dos trabalhadores, aliando o eixo contra as demissões às campanhas salariais que têm data-base agora em abril e maio. As mobilizações contra as demissões têm duas expressões políticas nacionais: a campanha da Embraer e a exigência ao governo que decrete a estabilidade no emprego. As campanhas salariais já tiveram sua importância demonstrada na vitória dos petroleiros e nas mobilizações já iniciadas dos professores do Rio de Janeiro, da construção civil de Fortaleza, etc.

Junto a isso, a campanha pela reestatização da Embraer vai ganhando peso nacional, sendo um dos principais temas dos discursos da maioria das correntes no do dia 30. Já existe um primeiro ato marcado pelo comitê pela reestatização da Embraer, no dia 15 de abril, na Assembleia Legislativa de São Paulo.

É preciso levar para as bases o balanço do dia 30, assim como tratar da continuidade das mobilizações. Também é necessário cobrar na base das categorias que a CUT e a Força entrem na batalha junto com a Conlutas pela estabilidade no emprego e a reestatização da Embraer.

KIT GAION

Ato em São Paulo

ACONTECEU nos 15 anos

[De 02 a 08 de abril]

Durante todo este ano, o jornal trará fatos importantes da história do partido ocorridos na semana, com páginas do Jornal do PSTU e do Opinião Socialista.

200 MIL PARAM E VÃO ÀS RUAS DE NORTE A SUL DO BRASIL CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

2001

MORTE NA PETROBRAS

O Opinião Socialista noticiou a morte de um petroleiro da empresa Sotep, em Sergipe. O trabalhador foi atingido por um guindaste quando fazia manutenção em um tanque. O acidente ocorreu menos de um mês após a morte de 11 petroleiros na plataforma P-36, na Bacia de Campos. Anos depois, os acidentes continuam corriqueiros. Como a explosão de um tanque em Alagoas, em 2008, que matou quatro pessoas.

Pérolas do passado

"O Brasil já superou as dificuldades e está no rumo do crescimento. A crise sacudiu o México em 95, a Ásia em 97, a Rússia em 98 e um pouquinho o Brasil"

Fernando Henrique Cardoso, em discurso na Fiesp, em 1999, publicado no Opinião Socialista. Tudo a ver com a "marolinha" de Lula...

2003

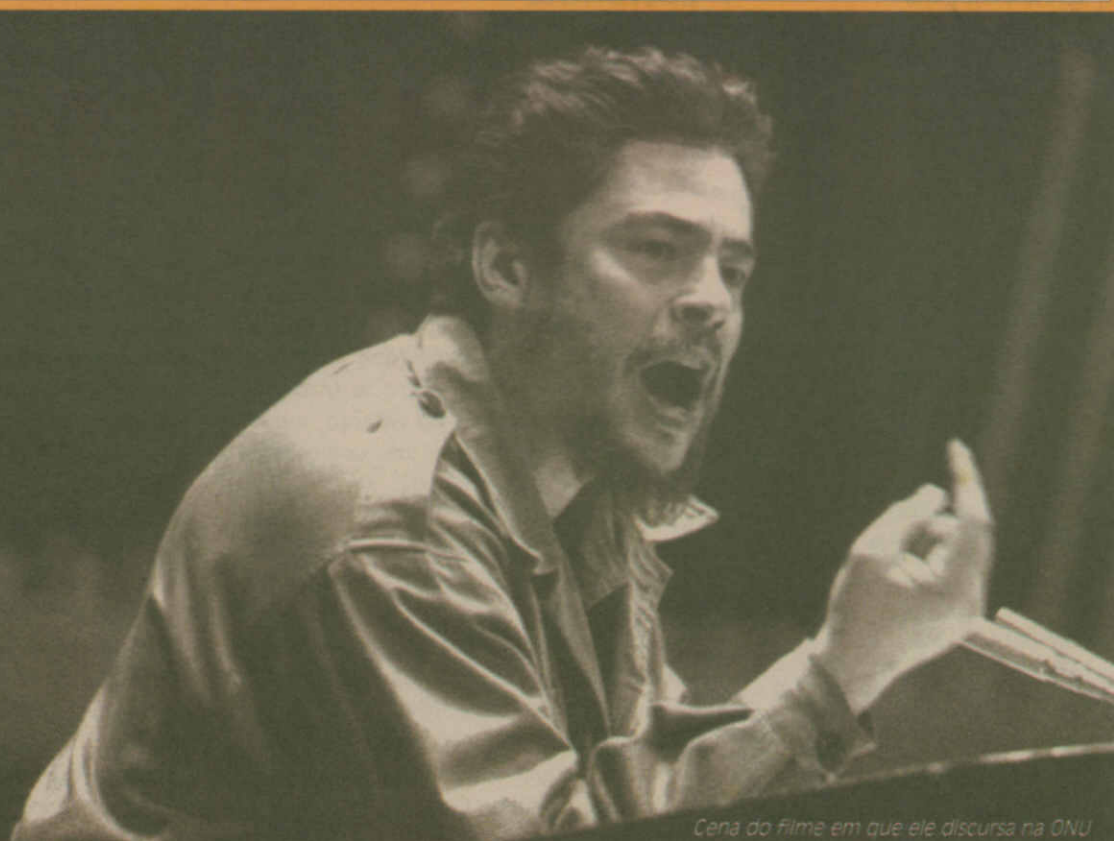
FUNCIONALISMO PARA CONTRA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

O dia 8 de abril foi marcado por uma grande bronca do funcionalismo público com o governo Lula. O PT continuou o que o governo FHC havia começado e enviou a reforma da Previdência, o PL-9, um projeto de lei do governo anterior que criava a previdência privada para os servidores e acabava com a aposentadoria integral. Nesse dia de luta, 200 mil servidores cruzaram os braços em todo o país, iniciando um movimento que faria marchas a Brasília e provocaria grandes rupturas com a CUT, que permaneceu com o governo.

2003

ALCA: PLENÁRIA DÁ NOVO IMPULSO À CAMPANHA

Nos dias 7 e 8 de abril, as entidades da campanha contra a Alca reuniram-se em São Paulo. A plenária definiu como prioritária a coleta de assinaturas em todo o país, exigindo um plebiscito oficial e o fim das negociações. Milhares de assinaturas foram recolhidas e entregues ao governo Lula em setembro daquele ano.

UM ÉPICO SOBRE CHE

Cena do filme em que ele discursa na ONU

JEFERSON CHOMA,
da redacao

Quando indagado por uma jornalista sobre o que é mais importante para um revolucionário, mesmo sob o risco de parecer piegas, Che disse sem hesitar: *"Amor. Amor pela humanidade"*. Uma resposta inesperada que compõe uma das cenas mais marcantes do filme *"Che, um Argentino"*. O diálogo mostra como Guevara se tornou, com inteligência, disciplina e sensibilidade, um dos maiores símbolos da luta revolucionária, da rebeldia e do inconformismo.

Em cartaz desde o dia 27 de março, a vida e a luta do revolucionário são retratadas nas grandes telas numa superprodução dirigida pelo norte-americano Steven Soderbergh – o mesmo diretor de filmes como *"Traffic"*, *"Onze Homens e um Segredo"*, entre outros.

Soderbergh adota um rigor histórico para contar a história de Che – baseado essencialmente em seus diários e cartas. A opção do diretor (assim como a decisão de fazer um filme em espanhol ao invés de inglês) causou enormes dificuldades de financiamento e produção. Algo que explica por que os realizadores passaram sete anos entre pesquisas e filmagens. Com a recusa dos investidores norte-americanos em bancar o filme, a produção terminou sendo financiada por franceses e espanhóis e até mesmo pelo dinheiro de outros filmes de Soderbergh, como o hollywoodiano *"Onze Homens e um Segredo"*.

O resultado foi um épico de quatro horas e meia de duração, que acompanha a vida de Che desde o primeiro encontro com Fidel Castro, em 1956, na Cidade do México, até a morte na Bolívia, em outubro de 1967.

Benicio Del Toro encarna Che com maestria. O ator – que também foi um dos produtores do filme – disse que interpretar Guevara foi o papel mais difícil de sua carreira.

Para a exibição ao público, o filme foi dividido em duas partes. A primeira, *"Che, o Argentino"*, apresenta o ingresso dele na guerrilha, a mobilização de camponeses e a conquista do poder na ilha com a derrubada do ditador Fulgencio Batista. O Segundo filme, *"Che, a Guerrilha"*, começa quando o revolucionário parte clandestinamente para a Bolívia, a fim de tentar comandar uma revolução no país sul-americano. O segundo filme ainda não tem previsão de estreia no Brasil.

NAS SELVAS E NA TRIBUNA

Ao contrário de *"Diários de Motocicleta"* (filme de Walter Salles que explorava os primeiros contatos do jovem Ernesto com a situação de pobreza e miséria na América Latina), o filme de Soderbergh aborda em detalhes a atividade revolucionária de um *"maduro"* Che Guevara.

Che foi um combatente corajoso, mas sua figura extraordinária foi apresentada, muitas vezes, como o oposto de tudo o que ele era realmente. Em *"Che, o Argentino"*, Steven Soderbergh felizmente nos apresenta uma figura bem diferente da caricatura messiânica, como muitas vezes foi convertida a imagem do revolucionário. Também não faz concessões mercadológicas que costumam arruinar produções do gênero. Ao invés de apresentar apenas emocionantes batalhas resultando na vitória do movimento de 26 de Julho, o filme descreve os anos em que Che trilhava pelas selvas de Cuba. De maneira semidocumental, o filme intercala cenas da guerrilha na selva com a participação de Guevara na 19° Assembleia da ONU, realizada em Nova York em 1964.

Mas é na Sierra Maestra que Guevara deixa de ser apenas o médico que trata dos guerrilheiros feridos em combate para se tornar um soldado e comandante da revolução. *"Che"* também mostra como o revolucionário transformou semianalfabetos desarmados em guerrilheiros e ainda encontrava tempo, em meio aos exaustivos combates e terríveis crises de asma, para passar lições de matemática aos seus companheiros.

Mas *"Che"* também reflete o balanço que o guerrilheiro fazia da própria Revolução Cubana. Em suas memórias, Guevara dava uma importância quase absoluta à luta travada no campo. Por isso, não há no filme uma cena sequer dos combates travados nas cidades, onde a guerrilha urbana desempenhou um papel fundamental na sabotagem ao regime e na articulação do apoio da população à guerrilha.

O contraste com a luta nas selvas é realizado através de impressionantes cenas de *"Che"* em Nova York. Gravadas em preto e branco granulado, as cenas exibem um Guevara pouco à vontade e confinado a reuniões diplomáticas na cidade-símbolo do capitalismo ianque.

Che, porém, mostra toda sua desenvoltura e ironia, até mesmo em situações excêntricas. Convidado para uma festa por Laura Bersquist, da revista Look, o guerrilheiro é apresentado ao senador democrata Eugene MacCarthy. Che não perde a oportunidade de agradecê-lo pela invasão de mercenários americanos à Baía dos Porcos. *"Vocês fortaleceram a solidariedade em torno da revolução"*, cumprimenta ironicamente.

Já as cenas do discurso na ONU mostram o extraordinário duelo de palavras entre Guevara e as delegações dos governos latinos-americanos, retratados como sempre foram: submissos às ordens de seus chefes em Washington.

As cenas em Nova York apresentam também um Guevara tão cansado quanto durante a guerrilha. A razão deste cansaço, infelizmente, não é explorada pelo filme. Na época, Che já caminhava para o ocaso cubano. Suas posições políticas já se encontravam completamente derrotadas dentro do Partido Comunista. O guerrilheiro defendia que Cuba apoiasse a revolução latino-americana. Também foi crítico à aproximação de Cuba com Moscou.

Guevara não fez declarações explícitas confortando a linha política oficial seguida por Cuba. Mas não deixou de espezinhar a linha de *"coexistência pacífica"*, defendida pelo stalinismo e apoiada por Fidel. *"Como marxistas, temos sustentado que a coexistência pacífica entre nações não inclui a coexistência entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos"*, disse da tribuna da ONU, justo no momento em que Fidel acenava com a suspensão de seu apoio à revolução continental em troca de uma coexistência pacífica com Washington (Che Guevara: a vida em vermelho – Jorge Castañeda).

Num bem-humorado diálogo sobre a necessidade de ser um *"pouco louco"* para se fazer a revolução, Fidel, ainda no México, pergunta a Guevara se aceita o desafio de derrubar Batista. Che aceita, mas impõe uma condição: *"terminada a revolução em Cuba, quero estendê-la à América Latina"*. Fidel responde: *"Está bem. Você é mesmo louco"*.

Antes de embarcar na embarcação Gramna, em 1956, Che já trilhava o caminho que o levaria a se afastar de Cuba e encontrar a glória e a morte nas selvas bolivianas. Uma trágica história que é contada na segunda parte do filme.

O PREÇO DE UM EQUÍVOCO

Che foi uma figura extraordinária e se tornou um ícone da revolução. Mas a linha guevarista, que dizia que na América Latina a tarefa central era organizar guerras de guerrilha a partir de focos guerrilheiros, provocou uma tragédia nas fileiras da esquerda do continente.

Guevara ignorava o papel da classe operária. O método da guerrilha levou uma vanguarda a se distanciar do trabalho político cotidiano junto aos trabalhadores. Muitos se dirigiram até as selvas e montanhas para organizar o exército guerrilheiro.

Apesar de todo heroísmo, o efeito foi catastrófico para boa parte da esquerda latino-americana, que se viu isolada e massacrada por uma guerra desigual contra os aparatos dos Estados. O próprio Guevara pagou com a vida o preço da equivocada política guerrilheira.

GOVERNO LULA ENROLA SERVIDORES E AMEAÇA ACORDOS

MINISTRO DO PLANEJAMENTO CONDICIONA cumprimento dos acordos à retomada da economia. É preciso avançar na unidade da categoria contra os ataques

PAULO BARELA, da Direção Nacional do PSTU

Sob pressão dos servidores, que reuniram em Brasília mais de quatro mil pessoas em manifestação nos dias 17 e 18 de março, o ministro do Planejamento convocou as entidades nacionais da categoria para uma reunião emergencial. Na verdade, Paulo Bernardo tentou apaziguar os ânimos dos servidores que protestavam na Esplanada dos Ministérios contra a ameaça de descumprimento dos acordos salariais firmados no ano passado e pela retirada de projetos de lei do Congresso Nacional que atacam os direitos dos servidores.

Embora boa parte da imprensa tenha informado que o governo cumprirá esses acordos, o ministro não garantiu nada sobre isso e se limitou a confirmar as palavras de seu chefe, o presidente Lula. Ou seja, o governo assume o compromisso com os servidores, mas para isso é preciso a volta da "normalidade" à economia do país; que a produção, o consumo, o emprego e a arrecadação de impostos reajam de modo convincente.

Os indicadores da economia mundial e local, porém, apontam na direção contrária. Portanto, a tal "normalidade" está longe de acontecer, pelo menos no próximo período. Por isso, não dá para acreditar na palavra deste governo que só atende aos interesses de banqueiros e grandes empresários. Os servidores federais devem buscar a unidade para organizar suas lutas como única forma de exigir do governo o cumprimento desses acordos e impedir novos ataques.

UNIFICAR AS AÇÕES É UMA NECESSIDADE

A unidade alcançada nas reuniões do início do ano, envolvendo a Cnesf (Coordenação Nacional das Entidades dos Servidores Federais) e demais organizações do funcionalismo federal, permitiu a construção de uma ampla mobilização nos dias 17 e 18 de março, em Brasília e vários estados. Agora, no dia 30 de março, os federais montaram colunas com faixas e cartazes e participaram ativamente nas manifestações contra as demissões e a política do governo Lula para a crise, convocadas pelas centrais sindicais. Vários setores paralisaram suas atividades neste dia, que marcou também o lançamento da campanha salarial de 2009 nos estados.

A defesa da unidade de todos os segmentos do setor público federal para garantir os direitos dos trabalhadores não é apenas uma tática para o momento, mas uma necessidade para buscar as vitórias no enfrentamento contra o governo e a crise econômica. Nesse sentido, é preocupante que organizações importantes como Fasubra (servidores das universidades federais) e Fenajufe (servidores do Judiciário federal) ainda não tenham atendido ao chamado à construção dessa unidade. Por isso, conclamamos as direções dessas entidades, e também a CUT e a CTB, junto com a Conlutas e a Intersindical, que já atuam unificadamente, para se incorporarem ao processo de organização em curso no funcionalismo federal, para fortalecer a unidade e a ação na luta direta.

> **Os servidores públicos não vão pagar pela crise**

PREPARAR A GREVE PARA EXIGIR CUMPRIMENTO DOS ACORDOS

No marco da crise, os ataques contra os servidores vão ser cada vez mais profundos e violentos, como já vem acontecendo na Europa e nos EUA. Da França veio o melhor exemplo de resistência, com a greve geral que teve presença marcante do funcionalismo público.

No Brasil não pode ser diferente! Já se configura um quadro em que a greve geral do funcionalismo federal deve ser uma das medidas a serem discutidas no interior da Cnesf e nas reuniões mais amplas das diversas entidades e no conjunto da categoria. A Condsef (Confederação Nacional dos Servidores Federais), por exemplo, já aprovou o indicativo de paralisação para junho. A próxima plenária nacional dos servidores públicos federais, apontada para meados de abril, também abordará o tema aprovando um calendário de lutas que deverá seguir nesse mesmo sentido.

Na base, a vontade de construir a greve unificada no funcionalismo federal cresce. Na página da Condsef, na internet, por exemplo, mais de 88% apontou que faria greve caso o governo descumprisse os acordos, contra apenas 11%. O resultado não só expressa a disposição de luta dos servidores, mas também toda a sua indignação com o governo Lula.

Os servidores amargaram uma divisão de vários anos em suas lutas. Agora, a experiência com Lula e as direções governistas deixou claro que não dá para acreditar em soluções por setor ou categoria individual. A palavra de ordem do momento é unificar todo o funcionalismo federal para derrotar a política de congelamento do governo Lula, aproximando suas ações às dos demais trabalhadores na luta contra as demissões e em defesa do serviço público.

MOBILIZAÇÕES NA CSN CONTRA O DESEMPREGO

TARCISIO XAVIER e ISABEL FRAGA, de Volta Redonda (RJ)

Os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) realizaram protestos contra as demissões no dia 30 de março. Desde as seis horas da manhã, lideranças sindicais e do movimento social fizeram mobilização em frente à principal entrada da empresa. Benjamin Steinbruch, presidente da empresa, foi duramente criticado. Este parasita que abocanhou uma das maiores siderúrgicas estatais do mundo, num processo de privatização escandaloso, anunciou a demissão de 1.800 trabalhadores.

Desde novembro de 2008, a CSN vem promovendo demissões em massa na região Sul Fluminense. Foram mais de 1.300 do seu efetivo direto e mais de 2 mil trabalhadores das empreiteiras ligadas ao ramo da metalurgia e da construção civil que prestam serviço à companhia.

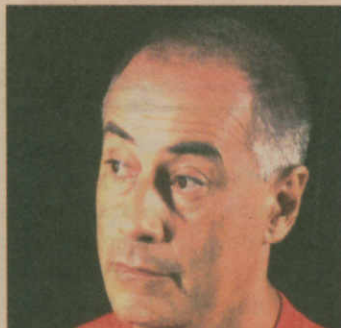
No entanto, o discurso do empresário, que defende a redução de direitos dos trabalhadores em razão da crise, veio por água abaixo. No último dia 30, a grande imprensa divulgou que a CSN obteve novamente um lucro recorde de R$ 6 bilhões, 35% acima do ano passado.

A oposição metalúrgica da Conlutas, presente no ato, exigiu que Lula promova não só a reestatização da CSN, mas de outras estatais como Embraer e Vale. Outra exigência é que o governo edite uma medida provisória que garanta a reintegração dos demitidos dessas ex-estatais e a estabilidade no emprego. A oposição também criticou a postura das centrais que defendem a redução de direitos e salários.

O protesto teve continuidade à tarde na praça Juarez Antunes. MST, Intersindical, CTB, CUT, Conlutas e várias outras entidades estavam no comando dessa importante mobilização no Sul Fluminense.

A primeira resposta nacional à crise

"FORTALECER A CONTINUIDADE DESSE PROCESSO DE RESISTÊNCIA QUE PRECISA SE ESTENDER"

O Dia Nacional de Luta mobilizou milhares de trabalhadores em todo o país. O Opinião conversou com José Maria de Almeida, o Zé Maria, da Executiva Nacional da Conlutas, que fez uma breve avaliação do dia e traçou as perspectivas para a continuidade do movimento.

Opinião Socialista - Qual a sua avaliação sobre o Dia Nacional de Luta?

Zé Maria - Foi um dia importante de protesto em todo o país. O balanço que faço é positivo. As manifestações de rua foram ainda de vanguarda, mas foram as mais importantes que fizemos no último período. Em particular, acho importante destacar a unidade na ação que se construiu. Apesar das diferenças entre as centrais sindicais, a unidade foi importante, justamente para assegurar a vitória dessas mobilizações e fortalecer a resistência que os trabalhadores desenvolvem para conter a onda de demissões ou as tentativas das empresas de reduzir salários e direitos. Nesse aspecto, tende a fortalecer a continuidade desse processo de resistência que precisa se estender.

Qual o papel desempenhado pela Conlutas?

Zé Maria - Acho que a Conlutas cumpriu um papel importante por duas razões: até o começo do ano, não havia um dia nacional de lutas pensado para o país. Foi a convocação pela Conlutas com seus parceiros, a Intersindical e outros setores, que provocou o debate. Propomos que as centrais fizessem conosco os atos no 1° de abril, e a CUT, pra tentar dividir e impedir a unidade, marcou o dia 27 de março. A partir disso, houve toda uma pressão e se chegou a um acordo para marcar a data no dia 30 com todas as centrais. A Conlutas julgou importante concentrar as manifestações no dia 30 de março. Mas quero destacar isso: surgiu um Dia Nacional de Luta porque a Conlutas teve a iniciativa de marcar, puxando as demais organizações.

Mesmo assim, as mobilizações do dia 30 poderiam ter sido maiores?

Zé Maria - A Conlutas teve uma coluna grande em São Paulo e em todo o país. Foram atos de protesto contra os patrões e contra os governos. Agora, essa não foi a postura de todo o mundo. A CUT, por exemplo, tentou impedir um dia nacional de luta e hoje fez pouca coisa diante do seu peso político. Não paralisou nenhuma fábrica, nem no ABC, nem em lugar nenhum. Isso mostra a pouca importância que deram para o dia de hoje. Nesse aspecto, não podemos dizer que houve uma participação com mesmo empenho por parte de todos.

A CUT se reuniu no mesmo dia 30 para anunciar a redução do IPI. Como você vê isso?

Zé Maria - A Conlutas tem insistido que essas medidas como isenção de crédito e injeção de dinheiro nas empresas ajudam a manter os lucros dos empresários. Não ajuda os trabalhadores. Todas essas empresas que pegaram dinheiro com o governo demitiram. Depois de receber redução do IPI e R$ 4 milhões do governo Lula e mais R$ 4 milhões do governador José Serra, as montadoras demitiram quase 8 mil trabalhadores. Agora, nesses próximos três meses em que estará em vigor a redução do IPI, eles fingem que não vão demitir. Mas a Ford acabou de anunciar um PDV e vai botar para fora não se sabe quantos trabalhadores.

Esse acordo não serve. O governo precisa parar de dar dinheiro para as empresas e baixar uma lei que proíba as demissões. Uma medida provisória que proteja os empregos. Esse dinheiro deve ser aplicado na construção de hospitais, escolas, saneamento básico, enfim, para melhorar a vida do povo.

A luta da Embraer poderá ajudar na resistência?

Zé Maria - Um elemento de continuidade importante para essa unidade é a luta na Embraer, pela reversão das demissões e também pela reestatização da empresa. A prepotência e a arrogância com as quais a Embraer trata seus funcionários é a mesma em relação aos interesses do país. Quando vemos que 70% das ações estão nas mãos de fundos especulativos, entendemos o porquê dessa arrogância. O interesse desses grupos é lucro rápido e farto. Não estão preocupados com as demissões de trabalhadores, menos ainda com o desenvolvimento de uma indústria que é estratégica para o país. Essas são as razões para que o governo reestatize a empresa e a coloque sob o controle dos trabalhadores.

Quais são as perspectivas dessa luta e da unidade?

Zé Maria - A unidade tem a ver com a mobilização. Não vai ter reestatização da Embraer, reintegração dos demitidos ou a edição de uma lei que proteja o emprego se não tiver uma ampla mobilização. Sem luta de massas não vai ter atendimento dessas reivindicações. Temos que avançar na construção do processo de mobilização. Avançar além do que construímos até agora. O dia 30 foi um pontapé importante, mas o próximo passo é a construção de uma greve nacional, fazer uma paralisação nacional. Tudo para aumentar a pressão sobre os patrões, o governo e o Congresso.

CUT E FORÇA SINDICAL, MAIS UMA VEZ AO LADO DO GOVERNO E DOS PATRÕES

***ANDRÉ FREIRE**, da Direção Nacional do PSTU*

Enquanto acontecia a concentração para a manifestação unificada do Dia Nacional de Luta em São Paulo, Paulinho, presidente da Força Sindical, e Artur Henrique, presidente da CUT, posavam ao lado de Guido Mantega. O ministro da Fazenda de Lula anunciava à grande imprensa a prorrogação da isenção do IPI às montadoras por mais três meses.

O acordo entre a indústria automobilística, o governo Lula e as centrais sindicais governistas isenta os grandes empresários do pagamento de impostos. São verbas públicas que com certeza faltarão no orçamento das áreas sociais e para honrar os acordos salariais com o funcionalismo federal, como já revela o corte orçamentário para a educação de R$ 1,2 bilhão.

A CUT e a Força Sindical tentam convencer os trabalhadores de que esse acordo é positivo, pois garantirá três meses de estabilidade no emprego. Na verdade, eles escondem dos trabalhadores que os patrões, mesmo nesse curtíssimo período, podem abrir programas de demissão voluntária e não renovar contratos temporários. Nada garante que, terminados os três meses de renovação da isenção fiscal do IPI, essas mesmas montadoras não realizem demissões em massa, como fez a Embraer.

SÓ A LUTA PODE EVITAR DEMISSÕES

Só a mobilização dos trabalhadores pode realmente impedir e reverter a onda de demissões. Chamamos a CUT e a Força Sindical a construir coletivamente uma paralisação nacional de um dia, como foi feita na França, para exigir do governo Lula uma medida provisória que garanta estabilidade no emprego e acabe com as demissões imotivadas e coletivas.

Essas centrais, em vez de estarem reunidas com o ministro da Fazenda para defender isenção fiscal aos patrões, deveriam se empenhar em mobilizar sua base. Afinal, infelizmente, a CUT sequer realizou alguma mobilização na sua base mais tradicional, os metalúrgicos do ABC.

PROTESTOS AGITAM O PAÍS

ATO NACIONAL EM SÃO PAULO REÚNE MAIS DE 6 MIL

A capital paulista abrigou o principal ato do dia 30, que começou logo cedo, em frente à sede da Fiesp, na avenida Paulista. O protesto contou com cerca de 6 mil pessoas de várias categorias, movimentos, sindicatos e centrais sindicais, da capital e de cidades do interior.

Apesar do cansaço – grande parte dos ativistas já havia participado de manifestações ainda na madrugada –, o ânimo deu a tônica do protesto.

O protesto seguiu rumo à avenida Consolação, parando em frente ao prédio da Caixa Econômica Federal. Na coluna da Conlutas, uma das maiores e mais animadas do ato, a luta contra as demissões e pela reestatização da Embraer era uma das principais bandeiras. "Parou, parou, demitiu, reestatizou", era a palavra-de-ordem.

A manifestação terminou em frente ao Teatro Municipal, no centro da cidade.

EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, PASSEATA NA GM REÚNE 2 MIL

Cerca de 2 mil trabalhadores da General Motors de São José dos Campos participaram, na madrugada da segunda-feira, de uma manifestação que abriu os protestos.

O ato foi organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos, filiado à Conlutas. Os trabalhadores fizeram uma passeata que percorreu aproximadamente dois quilômetros. Com faixas e bandeiras, os operários protestaram contra as 802 demissões realizadas pela montadora no começo do ano e a ameaça de novos cortes. O ato bloqueou a avenida General Motors, acesso à fábrica paralelo à Via Dutra.

PROTESTO AGITA O CENTRO DO RIO

No Rio de Janeiro, cerca de três mil trabalhadores, estudantes e ativistas de movimentos populares tomaram a avenida Rio Branco. O principal eixo foi o repúdio às demissões e à retirada de direitos, além de contra a política econômica de Lula. A juventude ainda incorporou a luta contra o projeto de lei que restringe a meia-entrada em cinemas, teatros e ginásios esportivos.

A passeata partiu da Candelária, no centro, seguiu pela avenida Rio Branco e terminou entre os prédios do BNDES e da Petrobras, já ao anoitecer. O local foi escolhido estrategicamente para exigir a reestatização da petroleira e denunciar o auxílio do banco público aos grandes capitalistas, sem nenhuma garantia de manutenção dos postos de trabalho.

EM PORTO ALEGRE, MAIS DE 3 MIL VÃO ÀS RUAS

Altemir Coser, de Porto Alegre (RS)

Os dois eixos da mobilização gaúcha foram: os trabalhadores não devem pagar pela crise e o Fora Yeda [Yeda Crusius, governadora do estado pelo PSDB].

Houve várias concentrações e todas tiveram destino final na praça da Matriz, em frente ao Palácio do Governo. A maior delas foi a que aconteceu em frente à sede da Gerdau. Contou com uma forte participação da base estadual do CPERS, uma coluna do MST e outros setores da Via Campesina, além de outros setores do movimento sindical e popular.

"Lula já deu R$ 160 bilhões aos bancos, mas para os trabalhadores não fez nada para evitar as demissões", denunciou Júlio Flores, do PSTU, que exigiu ainda do governo uma medida provisória garantindo a estabilidade no emprego. O ato final ocorreu no Palácio Piratini e contou com quase mil estudantes, principalmente secundaristas.

ATO EM BRASÍLIA REÚNE MIL

Na capital federal, mil pessoas protestaram em frente ao Banco Central. Depois, os manifestantes, com faixas e bandeiras, foram em passeata à Esplanada dos Ministérios e encerraram a atividade em frente ao Supremo Tribunal Federal.

Participaram da manifestação Conlutas, Força Sindical, CTB, CGTB, NCST, Intersindical e CUT, além de sindicatos e movimentos sociais e populares.

EM RECIFE, ATO REIVINDICA ESTABILIDADE

Guilherme Fonseca, de Recife (PE)

O ato em Recife ocorreu pela manhã e foi organizado por Conlutas, CUT, CTB, MST e outras centrais. Reuniu cerca de 400 pessoas em frente à Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe). De lá, os manifestantes seguiram em passeata até o palácio do governo estadual.

Um documento foi entregue reivindicando estabilidade no emprego, redução dos juros, redução da jornada sem redução de salários e direitos, reforma agrária e defesa do serviço público, entre outras reivindicações. A coluna da Conlutas foi representativa e reuniu 120 pessoas.

EM FORTALEZA, OPERÁRIOS PARAM 7 CANTEIROS DE OBRAS

Giambatista Brito, de Fortaleza (CE)

Mais de 700 trabalhadores de sete canteiros de obras atrasaram em duas horas a jornada de trabalho em Fortaleza. A mobilização ocorreu no Papicu, um dos bairros nobres da cidade, e fez parte da campanha salarial da construção civil e do dia nacional de mobilização.

A paralisação foi organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, filiado à Conlutas, e contou com o apoio do Sindicato das Trabalhadoras da Confecção Feminina, da oposição rodoviária, da oposição Sindiute e de militantes do PSTU.

CERCA DE 1.500 PESSOAS MARCHARAM EM BELÉM

Wellington Macedo e Gilberto Marques, de Belém (PA)

Na capital paraense, o protesto teve participação de trabalhadores da construção civil, servidores públicos municipais e estaduais, estudantes e outros ativistas. Cerca de 1.500 pessoas estiveram na marcha que saiu às 10h do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN), percorrendo as ruas de Belém e terminando em frente à prefeitura.

A Conlutas teve grande presença no ato. Outras entidades também participaram: Intersindical, CUT, MST, DCE-UEPA, DCE-UFRA, Sindsaúde, Sindicato da Construção Civil e outros.

SÃO LUÍS: FECHAMENTO DE CAMPUS E PASSEATA

Eloy Nascimento, de São Luís (MA)

O protesto começou pela manhã com uma manifestação em frente ao campus da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na rodovia que dá acesso à cidade. Professores, estudantes e militantes de várias categorias participaram da atividade organizada por Conlutas, CUT e CTB.

A entrada do campus foi bloqueada pelos manifestantes e houve lentidão no trânsito.

CONLUTAS FAZ ATO NA PREFEITURA EM MACAPÁ

Clodoaldo Rodrigues, de Macapá (AP)

Com forte presença de vigilantes, rodoviários, professores da universidade e da oposição estadual na educação, além de populares e estudantes, o ato da Conlutas reuniu cerca de 100 pessoas em frente à prefeitura. Apesar do convite à CUT, a Conlutas foi a única central presente.

MACEIÓ: ATIVISTAS CONTRA OS EFEITOS DA CRISE

João Paulo da Silva, de Maceió (AL)

Na tarde do dia 30, cerca de 100 ativistas protestaram contra os efeitos da crise econômica mundial e em defesa dos direitos dos trabalhadores. O ato ocorreu no Calçadão do Comércio, no centro de Maceió. Participaram da manifestação Conlutas, CTB, PSTU, PCR, DCE-UFAL e sindicatos. A CUT, que chegou a divulgar uma nota nos jornais, não compareceu ao protesto.

WWW.PSTU.ORG.BR
Veja a cobertura completa dos atos.

PETROLEIROS FAZEM GREVE NACIONAL E SAEM VITORIOSOS

AMÉRICO GOMES,
de São Paulo (SP)

Entre os dias 23 e 27 de março, os petroleiros realizaram uma importante greve nacional. Estes operários que em 1995 protagonizaram um dos enfrentamentos mais importantes da luta de classes voltaram ao cenário nacional realizando novos enfrentamentos. A greve pode indicar uma mudança importante no ânimo da classe trabalhadora brasileira. Além disso, a luta dos petroleiros mostra que somente as greves e mobilizações podem garantir os direitos dos trabalhadores.

Esta greve demonstra sem dúvidas que a classe operária está no centro do cenário nacional. Em meio à crise econômica, são os operários que estão à frente dos principais conflitos.

A greve contou com 80% de paralisação no setor operacional. Nos setores administrativos, variou de 30% a 70%.

A mobilização se destacou pela unidade construída na base entre petroleiros terceirizados e ativos e entre aposentados e jovens petroleiros.

A greve petroleira foi nacional. Os petroleiros cortaram os turnos em todo o país em refinarias no Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Amazonas, plataformas terrestres e marítimas na Bacia de Campos, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Amazonas, além de terminais.

Apesar de as principais reivindicações serem sindicais, principalmente porque a direção da FUP (Federação Única dos Petroleiros, ligada à CUT) tentou manter o governo Lula sempre fora do foco, esta foi a primeira greve de uma categoria que apresentou reivindicações em defesa dos trabalhadores terceirizados. Como a estabilidade no emprego e melhores condições de segurança no trabalho.

Além disso, várias assembleias dos trabalhadores aprovaram reivindicações políticas de exigências a Lula, como a da Petrobras 100% estatal e a de que todo o petróleo tem que ser nosso.

PODERIA SE CONQUISTAR MUITO MAIS

A greve teve principalmente vitórias econômicas, como o aumento da PLR, seu pagamento integral no dia 5 de maio, um acréscimo de R$ 2 mil para todos (refletindo um crescimento de 15% na proposta inicial para o piso, onde está a maioria dos ativistas e dos trabalhadores) e o pagamento de hora extra no 1° de maio para o pessoal do turno e sobreaviso.

Mas os dias parados serão todos descontados, um por mês e sem reflexos trabalhistas. Sobre os interditos proibitórios impetrados pela empresa e a estabilidade e segurança dos terceirizados, as formulações ainda são vagas e serão formadas comissões para estudá-las.

No meio da greve, a direção da Petrobras ameaçou com punições os grevistas que "tivessem cometido excessos". No final da greve, a empresa não apresentou nenhuma garantia de que estas punições não vão ocorrer. Apresentou apenas uma declaração oral de que "esta não uma é prática da empresa". Mas a Petrobras já puniu trabalhadores que participaram em movimentos anteriormente. Também mentiu quando se comprometeu a pagar a primeira parcela da PLR em janeiro.

Na greve, os petroleiros poderiam ter arrancado estas reivindicações, pois o movimento estava muito forte. Por isso, o Base-Conlutas defendeu a continuidade da greve até que os petroleiros conquistassem suas reivindicações. Temos a mais absoluta certeza de que, se a greve continuasse, se unificasse com o restante dos trabalhadores do país no Dia Nacional de Lutas, em 30 de março, e realizasse atividades políticas como a caravana a Brasília, arrancaríamos pelo menos os dias parados e o compromisso expresso de que não haveria punições.

Isso somente não ocorreu porque a direção da FUP quis proteger o governo Lula e a direção da Petrobras, que estavam encostados contra a parede e seriam obrigados a fazer concessões.

No entanto, a greve foi vitoriosa de maneira geral. Nela surgiram uma nova vanguarda e novos piqueteiros. Novos enfrentamentos virão e os trabalhadores estarão mais conscientes e com experiência quanto aos objetivos de sua direção.

Em muitas assembleias os trabalhadores concordaram conosco, mas tinham insegurança em continuar a greve com a direção dividida. Mesmo assim, em muitas delas se votou que, havendo punições, voltaria a greve. Em uma assembleia em Macaé (RJ), a votação pela continuidade da greve teve mais de 80 votos contra 120.

CONTROLE OPERÁRIO

Um dos pontos fracos da greve foi o fato de a direção da empresa ter preparado os grupos de contingência que ocuparam plataformas, refinarias e terminais. Estes "pelegos" e chefes garantiram por algum tempo e em alguns lugares a produção. Ainda que com grandes riscos para a segurança.

Temos que preparar uma próxima greve em que os trabalhadores possam ficar em seus locais de trabalho para que haja o controle operário da produção pelos sindicatos e organizações nacionais, pois assim a direção da empresa será obrigada a ceder mais rápido.

CONTINUAR A LUTA PELA ESTATIZAÇÃO TOTAL DA PETROBRAS

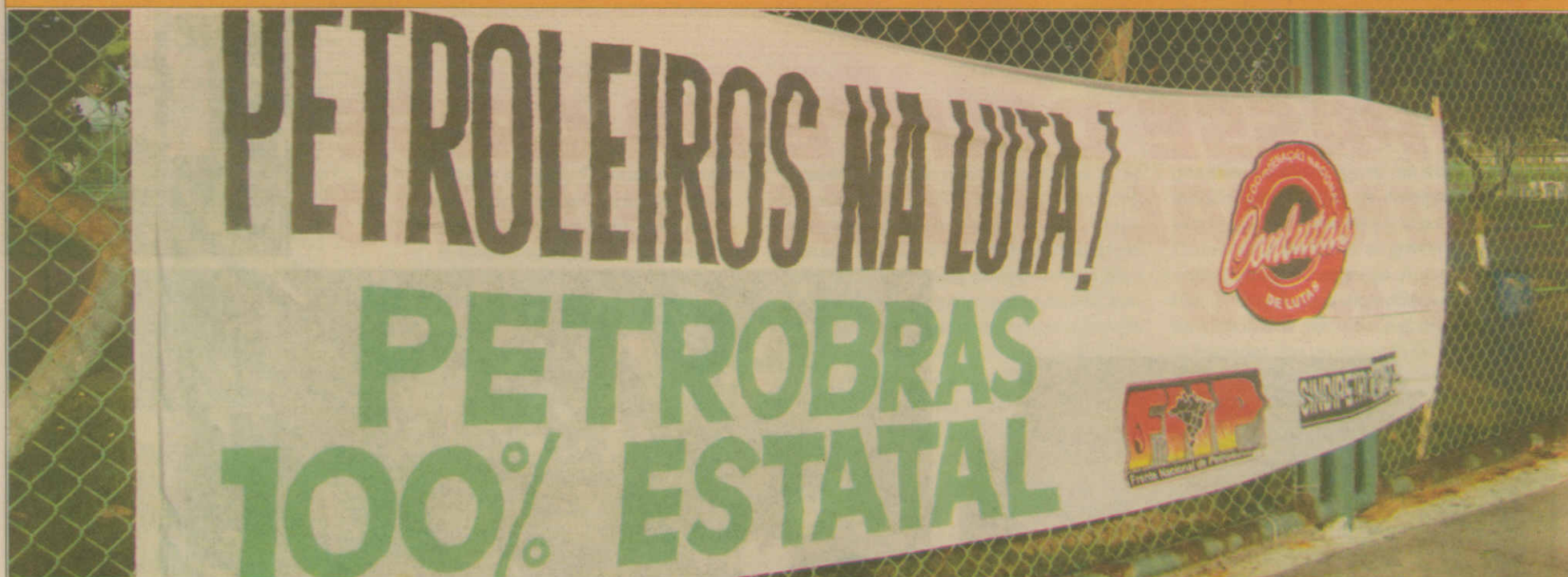
A vitória da greve petroleira tem que ser encarada como um primeiro passo, pois a luta não para aqui. Segue agora uma luta dos petroleiros da Petrobras, dos terceirizados e do conjunto da sociedade.

Somente uma Petrobras totalmente estatal poderá garantir condições de segurança e trabalhado e garantia de emprego para todos os trabalhadores. Também só assim se poderá assegurar que a produção esteja a serviço da população mais carente do país.

Por isso, os sindicatos devem seguir a deliberação da assembleia dos petroleiros de Campinas (SP) e organizar uma grande caravana a Brasília para exigir do presidente Lula a completa estatização da Petrobras, no marco de uma grande campanha nacional.

PREPARAR A CAMPANHA SALARIAL DE SETEMBRO

Outro desafio dos petroleiros será o de organizar a campanha salarial de setembro. O dirigente do Sindipetro - SE/AL Clarkson Messias explica: "Nós petroleiros, aposentados, terceirizados ou próprios, temos que exigir novamente da FUP e da FNP que iniciem já a campanha salarial de 2009, levantando as demandas da categoria. Debatendo o balanço desta greve, seus ensinamentos e como derrotaremos a burocracia da empresa e do governo".

Segundo o sindicalista, entres as principais reivindicações estão a reposição das perdas para toda categoria inclusive para os aposentados; periculosidade pra valer; pagamento do extra turno; inclusão dos pais no plano de saúde – MAS; licença-maternidade de 180 dias e paternidade de um mês e único plano de previdência - o Petros BD.

UNIDADE GARANTIU GREVE NACIONAL

A unificação do movimento entre FUP (Federação Única dos Petroleiros) e FNP (Frente Nacional dos Petroleiros) demonstrou que, diante de grandes ataques aos trabalhadores e em meio a uma crise econômica, a unidade de ação é fundamental para arrancar vitórias.

Ela foi conseguida graças à intervenção dos militantes do Base-Conlutas, que propuseram a unidade na ação na assembleia da Replan em Campinas (SP), durante a greve passada, e depois realizaram uma grande agitação na base sobre a proposta.

Eduardo Henrique, do Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro, explica que "sem esta unidade não haveria uma greve nacional, e isso foi conseguido contra a posição da direção da FUP, que somente aceitou nas vésperas da greve e depois de muita pressão da base." Mesmo com esta unidade, porém, existiram problemas.

DIREÇÃO DA FUP PROTEGE DIREÇÃO DA PETROBRAS E GOVERNO

Mesmo com a FUP aceitando a exigência da base e construindo uma greve unificada com a FNP, não faltaram métodos burocráticos e posturas antidemocráticas.

A primeira delas foi não politizar a greve e colocar entre suas bandeiras a exigência a Lula da estatização total da Petrobras e de que o todo o petróleo tem que ser nosso.

Além disso, nos momentos finais, quando a greve estava forte e poderíamos derrotar categoricamente a direção da Petrobras, a direção da FUP vacilou e decidiu recuar.

Houve também desrespeitos a democracia operária, como o anúncio de João Antônio de Moraes, coordenador da FUP, aos meios de comunicação de que já havia acordo com a Petrobras e a greve tinha acabado. O comunicado foi às 16h30, antes das assembleias de base, que começariam a partir das 17 horas. Mais uma vez se demonstrou que para a FUP as assembleias não servem para nada.

O festival de burocratismo ocorreu também na refinaria de Caxias (RJ), onde Simão Zanardi Filho, dirigente da FUP, centralizou de maneira absurda as assembleias, atacando o PSTU com a calúnia de que o partido estava "exigindo na mesa de negociação que os 4.270 demitidos da Embraer fossem contratados pela Petrobras". Além disso, o dirigente acabou com a greve às 7 horas da manhã da sexta, quando colocou 120 trabalhadores para trabalhar, mentindo que estava sendo obrigado por ordem judicial.

Para se coroar como grande burocrata da greve, na assembleia do turno da tarde Simão realizou uma churrascada e convidou a escola de samba Grande Rio para tocar.

FRENTE NACIONAL DOS PETROLEIROS DENUNCIA PETROBRAS

A maioria de nossos companheiros da Frente Nacional dos Petroleiros (FNP) também achou que a greve deveria ser suspensa, mas houve acordo em denunciar a proposta final da pela empresa como insuficiente e não aceitá-la. Além disso, a FNP denunciou o desrespeito do gerente de recursos humanos da Petrobras com a categoria, ao tentar condicionar a entrega da proposta da empresa à aceitação na mesa, sem consulta às instâncias dos sindicatos, às diretorias, às comissões de base e às assembleias.

"A FNP e os seis sindicatos consideram que essa atitude representa um ataque à autonomia dos sindicatos, das suas diretorias e, sobretudo, das assembleias, que são soberanas", afirmou uma nota da frente.

Por fim, a FNP orientou as assembleias a votar uma ressalva sobre as punições, exigindo que "nenhum(a) empregado(a) próprio ou terceirizado participante do movimento grevista, no período de 22 de março até seu final, será advertido, suspenso, demitido, dispensado de suas funções, preterido para fins de progressão funcional ou sofrer qualquer tipo de perseguição pelo exercício do direito constitucional de greve".

TESTEMUNHO DE UM SINDICALISTA SOBRE A GREVE NO LITORAL PAULISTA

Atenágoras Lopes, da direção nacional da Conlutas, relatou sua experiência na greve petroleira no litoral paulista. No relato, o sindicalista destaca a participação dos jovens petroleiros no movimento.

"Estive presente na Baixada Santista como representante da Conlutas e pude perceber a força da mobilização grevista. Na refinaria RPBC (Presidente Bernardes, em Cubatão), a greve começou na tarde do dia 22 de março, antes de todo o Brasil.

No litoral, os dias depois do início do movimento contaram com a forte adesão dos terminais de Alemoa e Pilões, da unidade de São Sebastião e de uma parte dos petroleiros administrativos de Santos.

Na refinaria e nos terminais, todos os dias havia reuniões com os petroleiros para serem passados informes das negociações e sobre o quadro nacional da mobilização. Nos prédios do centro, onde estão concentrados os planos de expansão e toda a gerência da Bacia de Santos (o pré-sal), foram feitos piquetes nos dois primeiros dias de greve e, no terceiro dia, um grande piquete marcou a mobilização em um dos prédios.

Neste dia, jovens petroleiros, conhecidos como "borrachos", aposentados e apoiadores (como o Sindicato dos Bancários) garantiram que nenhum fura-greve entrasse para trabalhar durante boa parte da manhã. Os grevistas tiveram que enfrentar a pressão da polícia e da Gerência Geral da Petrobras.

Em conversa com os diretores do sindicato e com alguns "borrachos", percebi que existe uma nova camada de ativistas na categoria. Estes petroleiros têm tido um papel importante na organização da categoria.

A assembleia do dia 27, que decidiu pela suspensão do movimento, contou com cerca de 500 pessoas. Mas no litoral, como em muitas bases onde houver punições, o movimento será reativado.

SINDICATO DA CONLUTAS PAROU TODAS AS UNIDADES

ROBERTO AGUIAR,
de Salvador (BA)

Em Sergipe, a greve dos petroleiros paralisou todas as unidades da Petrobras. No campo de extração em Carm polis, no terminal (TECARMO), na fábrica de fertilizantes (FAFEN) e no edifício sede, a categoria atendeu ao chamado à greve.

Para Toeta, diretor do Sindicato dos Petroleiros de Sergipe e Alagoas (Sindipetro - AL/SE) e militante do PSTU, a greve foi uma resposta em defesa dos direitos dos trabalhadores. "A Petrobras, mesmo obtendo o lucro recorde de R$36,5 bilhões, queria pagar uma PLR que não refletia os lucros obtidos", afirma Toeta.

Bandeiras de luta como "Petrobras 100% estatal" e "o petróleo tem que ser nosso" foram os destaques na greve. O sindicato também estava exigindo da Petrobras a anulação de um interdito proibitório que condena o Sindipetro - AL/SE a pagar uma multa de R$ 900 mil por ter realizado protestos em frente à empresa contra os leilões das reservas de petróleo e gás.

Em Sergipe, a greve obteve a participação dos petroleiros "novos" e a solidariedade dos trabalhadores terceirizados. Os petroleiros "novos", que tinham pouco envolvimento com as lutas sindicais, nesta greve estiveram presentes ativamente garantindo as paralisações. Os petroleiros terceirizados realizaram alguns dias de paralisações em solidariedade à greve nacional do efetivo direto.

IMPASSE DIANTE DA CRISE MUNDIAL MARCA REUNIÃO DO G-20

MILHARES VÃO ÀS RUAS numa onda de protestos que retoma o movimento antiglobalização

Nas fotos: "Nós não vamos pagar pela crise deles" / "Capitalismo não está funcionando" / "Coloquem as pessoas em primeiro lugar"

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Se há algo que deve avançar na reunião do G-20, no dia 2 de abril, em Londres, é a percepção cada vez maior da impotência das principais economias do planeta para dar uma resposta coordenada à crise. Além de não criarem ações comuns, fica cada vez mais evidente o aumento das tensões entre os países, como os Estados Unidos e a União Europeia.

O encontro do G-20 ocorre quatro meses após a última reunião que reuniu chefes de Estado dos países ricos do G-7, além das outras principais economias do mundo, em Washington. Nesse meio tempo, embora tenha persistido o discurso da necessidade de encontrar uma resposta unificada à crise, nada mudou. Pelo contrário, o que avançou foram as medidas protecionistas dos países, apesar do discurso unânime contra as barreiras comerciais.

Segundo o Banco Mundial, desde o último encontro do G-7, os países do grupo adotaram nada menos que 47 novas restrições comerciais. Os EUA, por exemplo, apesar do discurso multilateral, adotaram o "buy american" em seu plano de estímulo à economia. A medida prevê a compra apenas de produtos norte-americanos para obras públicas no país. Na Europa, avança o discurso nacionalista.

Já os EUA, ao mesmo tempo em que despejam trilhões em ajuda financeira aos mercados, cobram da Europa para que faça o mesmo. Países europeus como França e Alemanha, no entanto, avaliam que já gastaram demais e relutam em novas medidas que ampliem ainda mais os gastos públicos e os déficits. O primeiro-ministro da República Tcheca, Mirek Topolanek, atual presidente da União Europeia, chegou a afirmar que a política de Obama é uma saída que levará *"o mundo ao inferno"*.

No discurso, a Europa aposta em uma maior regulamentação do sistema financeiro. No entanto, mesmo dentro da União Europeia, há inúmeras diferenças. O bloco enfrenta hoje uma grave crise e corre o risco de se estilhaçar diante do aprofundamento da crise.

O Brasil, por sua vez, pede a retomada da finada Rodada Doha, o fracassado processo de negociação de abertura comercial realizado na OMC (Organização Mundial do Comércio). Defende os interesses do setor agroindustrial de exportação, como os produtores de etanol. Se, porém, Doha fracassou quando a crise nem tinha começado, agora é que não vai para frente mesmo.

A UTOPIA DO MULTILATERALISMO

A principal diferença dessa reunião do G-20 e a realizada em novembro é a participação de Barack Obama como presidente eleito dos EUA. Há a expectativa de que o novo líder norte-americano conduza o mundo a uma nova situação multipolar, abrindo mão da atual posição hegemônica do país.

Obama, porém, já mostrou para que veio. Anunciou seu novo plano militar de ampliação da ocupação do Afeganistão e deve utilizar a reunião do G-20, assim como sua "turnê" pelo mundo, para garantir apoio a essa política. Para os EUA, desta forma, não se trata de inaugurar um novo multilateralismo, mas de reforçar sua posição hegemônica num mundo em crise.

A imposição de um sistema internacional de regulação financeira, o fim do dólar como moeda de reserva e até mesmo um novo Breton Woods são medidas consideradas para diminuir os efeitos da crise. Mas o aumento da tensão entre os países impede que até mesmo essas medidas avancem. Enquanto os chefes de Estado batem cabeça à procura de uma resposta à crise, ela se aprofunda em todo o planeta.

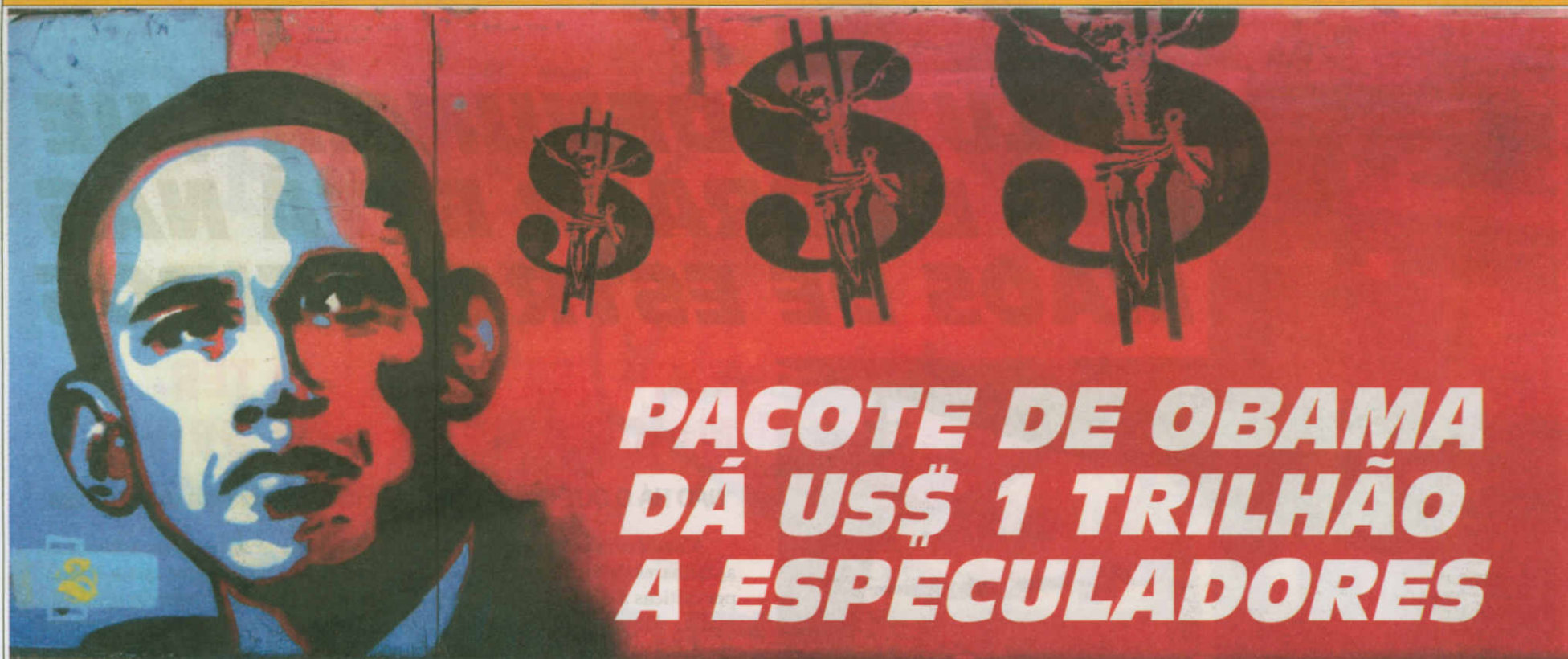
A RESPOSTA DAS RUAS

A única resposta à crise veio das ruas, e fez bastante barulho. Às vésperas da reunião do G-20, no dia 28 de março, milhares de pessoas tomaram as ruas de Londres em protesto contra os efeitos da crise. Batizada de "Put People First" (primeiro as pessoas), a manifestação foi organizada por 150 entidades e reuniu, segundo a imprensa, 40 mil pessoas. A organização previa 20 mil.

Também ocorreram manifestações na Alemanha, França e Itália. Dez mil pessoas protestaram em Berlim. Outras 9 mil foram às ruas em Frankfurt. Já na capital italiana, 50 mil pessoas se manifestaram contra a crise, enquanto centenas protestaram em Paris. Os trabalhadores de uma Europa em convulsão não aceitam pagar a conta da crise e saem às ruas.

A onda de protestos faz, assim, ressurgir no velho continente o movimento antiglobalização que contestou os efeitos do neo-liberalismo no final da década de 1990. Isso num momento em que fortes greves balançam o continente, como as duas paralisações gerais na França.

O efeito pode ser ainda maior nesse contexto, fortalecendo as lutas operárias concretas na Europa sem se dissolver à espera de um novo dia de mobilizações em outro país.

Em meio a toda a confusão ideológica que ainda predomina nesses movimentos, vai surgindo um perfil anticapitalista cada vez mais claro. Faixas e bandeiras contestando não só a globalização mas o próprio capitalismo davam o tom no ato de Londres. Uma delas resumia bem o impasse diante da crise do sistema: *"O capitalismo não está funcionando"*.

PACOTE DE OBAMA DÁ US$ 1 TRILHÃO A ESPECULADORES

O MUNDO PAGA para os EUA garantirem os lucros do mercado financeiro

DIEGO CRUZ, da redação

As mais recentes medidas do novo presidente norte-americano, Barack Obama, vão rapidamente mostrando a que veio o sucessor de George W. Bush. Tanto no campo econômico como no militar, Obama refaz a velha política imperialista. A diferença é que, desta vez, ele vem embalado na face simpática e no discurso emotivo do homem que canalizou a esperança de milhões em todo o mundo por mudanças.

PACOTE TRILIONÁRIO

O governo norte-americano divulgou no último dia 23, em Washington, novos detalhes sobre o megaplano de resgate dos bancos. O anúncio foi realizado pelo secretário do Tesouro, Timothy Geithner, e representa até agora o lance mais ousado do governo Obama para evitar o aprofundamento da crise que varreu o sistema financeiro do país e se espalhou pelo mundo.

O plano, porém, não é novo. As medidas tomadas chegaram a fazer parte de um pacote do governo Bush. Mas foi deixado de lado devido às críticas e à resistência a sua aprovação. Desta vez, o chamado Programa de Investimento em Parceria Público-Privada prevê gastos de até US$ 1 trilhão no salvamento de instituições financeiras à beira da falência.

Ao contrário de medidas tomadas anteriormente para salvar bancos em dificuldades, como a compra de seus ativos, processo que tendia à quase completa estatização do sistema financeiro, desta vez a ação do Estado se resume à garantia dos lucros de investidores e especuladores.

CAPITALISMO SEM RISCOS

Pela nova proposta do governo Obama, os bancos que estão atolados até o pescoço com ativos podres, ou seja, ações lastreadas em crédito imobiliário com pouca ou nenhuma chance de terem retorno, poderão colocá-los à venda através de um leilão. Isso, segundo o governo, resolve parte do problema verificado anteriormente, que era justamente colocar preço em tais ativos "tóxicos". Com esse leilão, o próprio mercado ficaria responsável por determinar seu valor.

A Comissão Federal de Seguros de Depósitos Bancários (FDIC, na sigla em inglês), fundo garantidor de depósitos, é quem vai organizar o leilão. O grande lance do pacote é justamente quem vai comprar isso tudo. Quem se interessaria por um monte de papéis sem lastro que infestam o mercado? O governo resolveu o problema propondo a constituição de fundos público-privados, ou seja, fundos com a participação de recursos públicos e de capital privado. Para cada US$ 1 do setor privado investido, o governo fica responsável por colocar outro dólar.

Isso, porém, não é tudo. O próprio FDIC vai financiar e garantir as compras desses ativos. Ou seja, se após o leilão esses ativos se valorizarem, o investidor lucra. Se esses papéis se desvalorizarem ainda mais, o prejuízo é coberto pelo governo. É o milagre do capitalismo sem risco financiado pelo governo Obama através do dinheiro público. O Nobel de Economia Joseph Stiglitz, que não é de esquerda nem coisa parecida, chegou a declarar que "isto equivale a um roubo ao povo americano".

O MUNDO PAGA

A divulgação dos novos detalhes do pacote causou euforia nos mercados. A Bolsa de Nova York fechou o dia com alta de 6,84%. Se o pacote não representa uma estatização do sistema financeiro, ele estatiza os riscos e privatiza os lucros. No entanto, a medida não representa apenas um roubo ao povo americano, como aponta o Stiglitz.

O plano trilionário vai aumentar o já gigantesco déficit dos EUA. E quem sustenta esse déficit é o mundo inteiro, através de investimentos em papéis do tesouro norte-americano. Embora a China tenha um peso essencial nisso, o Brasil também tem sua cota de colaboração para segurar esse déficit. Então, quando o Fed (banco central dos EUA) imprime dólares para bancar a política de ajuda do governo, é o mundo quem garante o lastro dessa montanha de papel.

O pacote de Obama, mais do que isso, não vai reverter a crise econômica. Suas medidas apenas reforçam a bolha especulativa, tendendo a agravar ainda mais a situação no futuro. Num momento em que a recessão se agrava, com o aumento do desemprego e da pobreza, as pessoas não pagarão suas dívidas imobiliárias.

As hipotecas continuarão a ser executadas pelos bancos e os ativos do chamado "subprime" permanecerão sem base real. Embora essa seja apenas a ponta do iceberg, ela mostra que os trilhões despejados no mercado financeiro não deterão a crise.

Crise essa que já está sendo apontada como maior que a de 1929. O pacote de Obama reforça, sobretudo, o papel do Estado de garantidor dos lucros do capital financeiro parasitário, cuja multiplicação, nos últimos anos, foi responsável por aprofundar a dimensão da crise capitalista.

OBAMA MANDA MAIS 4 MIL SOLDADOS AO AFEGANISTÃO

Avião descarregando soldados no dia 28 de março

Enquanto promete retirar as tropas norte-americanas do Iraque, Obama acaba de anunciar o envio de mais 4 mil soldados ao Afeganistão. Esse contingente se soma aos 17 mil já previstos para reforçar a ocupação do país. No total, os EUA manterão no local 57 mil soldados.

Além do reforço da ocupação militar no Oriente Médio, Obama anunciou também o aumento da ajuda ao vizinho Paquistão, cujo governo colabora ativamente com a política imperialista na região.

Por ajuda entenda-se bastante dinheiro. O repasse ao governo paquistanês deve chegar a US$ 1,5 bilhão por ano.

Nos próximos dias, Obama vai percorrer vários países, inclusive a Europa, para, entre outras coisas, conseguir apoio e convencer esses países a enviarem tropas ao Afeganistão.

Ao mesmo tempo em que Obama apela para uma tática dirigida ao "diálogo" e oferece a possibilidade de acordos e recomposições, de relações diplomáticas, seu governo mostra que o imperialismo não deixará de lado sua brutalidade. Para manter sua dominação, não vai renunciar à utilização da força.

ANTONIO CRUZ/AG.BRASIL

Audiência pública que discutiu as demissões na Embraer

CONLUTAS DENUNCIA QUE EMBRAER ESTÁ NAS MÃOS DE ESTRANGEIROS

DURANTE AUDIÊNCIA PÚBLICA em Brasília, Zé Maria apresenta levantamento mostrando que 70% do controle acionário da empresa é de capital estrangeiro, o que é ilegal

***ANDRÉ FREIRE**, da direção nacional do PSTU*

No dia 25 de março, aconteceu em Brasília uma audiência pública na Comissão de Trabalho da Câmara de Deputados sobre as demissões na Embraer. Estiveram presentes, além de vários deputados da comissão, o vice-presidente da empresa, Horácio Forjaz, o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, Adílson dos Santos (o Índio), e José Maria de Almeida, o Zé Maria, representando a Secretaria Executiva Nacional da Conlutas.

O principal fato que marcou a audiência foi a denúncia realizada por Zé Maria. Segundo o dirigente da Conlutas, 70% do controle acionário da Embraer está hoje nas mãos do capital estrangeiro. Tal situação contraria diretamente a lei 8.301/90, que limita em 40% a presença do capital internacional no controle das estatais privatizadas. O vice-presidente da empresa, após muita insistência dos deputados presentes, acabou reconhecendo este fato (leia texto ao lado).

Essa informação só reforça a necessidade de ampliar a campanha pela reestatização da Embraer. Agora, o movimento estuda as medidas jurídicas cabíveis para questionar o funcionamento irregular imposto pela direção da empresa.

Mais do que nunca é necessário exigir do presidente Lula que use os mecanismos legais à disposição do governo federal para reverter a situação irregular da empresa, retomando o controle acionário da Embraer e colocando-a sob o controle os trabalhadores. É a única forma de garantir que ela esteja realmente voltada para o desenvolvimento da economia nacional e dos interesses dos trabalhadores e da maioria da população.

EMBRAER: ARROGÂNCIA E PREPOTÊNCIA

Além da denúncia do controle acionário da empresa, a Embraer foi criticada pelo tratamento dispensado aos trabalhadores demitidos. Apesar de ter recebido um montante de financiamento do BNDES equivalente a três vezes seu rendimento no último período, a empresa demite sem negociar ou prestar qualquer conta.

Outra denúncia se refere ao bônus de R$ 50 milhões distribuído pela empresa a seus diretores, num momento em que a empresa alega dificuldades financeiras. Zé Maria contestou a alegação da empresa de que não se tratava de bônus, mas de "pagamentos de honorários" aos diretores. *"O texto da própria empresa fala em distribuição, isso é sim bônus. Se fosse salário, a empresa chamaria de pagamento"*, afirmou. O deputado Ivan Valente (PSOL-SP) comparou os bônus da Embraer aos pagos pela seguradora norte-americana AIG, caso que se tornou um escândalo nos EUA.

O vice-presidente da Embraer, numa exposição agressiva em que transbordou arrogância, chegou a justificar as demissões recorrendo à evolução das espécies de Darwin. *"Os fracos morrem, os fortes e mais adequados vivem"*, afirmou toscamente o executivo, tentando reviver o darwinismo social. *"Essa lei se estende às empresas e às nações"*, disse.

PRÓXIMAS AÇÕES

Na próxima semana, a Comissão de Trabalho da Câmara vai discutir uma proposta de criação de uma Comissão de Fiscalização e Controle, específica para apurar as denúncias do sindicato e da Conlutas sobre as irregularidades na Embraer.

EMPRESA CONFESSA TER MAIORIA DE CAPITAL PRIVADO

"NÃO HÁ O QUE CONTESTAR", diz vice-presidente da Embraer

A audiência pública que discutiu as milhares de demissões foi marcada por críticas à direção da Embraer. Zé Maria, dirigente da Conlutas, expôs em detalhes a denúncia de que o controle acionário da empresa está nas mãos de investidores estrangeiros, o que é vetado por lei.

"A empresa, na verdade, não é brasileira. Ela tem, segundo seu próprio balanço, 54% das ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York, e 45,4% na Bovespa. A empresa hoje, segundo os dados que levantamos, é propriedade dos fundos de investimentos estrangeiros, em afronta à lei 8.031, de 1990, que proíbe mais de 40% do capital em mãos estrangeiras", denunciou.

Zé Maria destacou ainda que a composição acionária negociada na Bolsa de Nova York ou na Bovespa é divulgada pela própria Embraer. Já as ações que estão em posse do capital nacional e estrangeiro são dados de um banco norte-americano.

O vice-presidente da empresa, Horácio Forjaz, em sua resposta à denúncia, confessou publicamente que a Embraer está, hoje, sob controle acionário privado. *"A Embraer passou por uma reestruturação societária em 2006, que extinguiu o seu antigo grupo de controle e a tornou uma empresa de capital pulverizado"*, disse. Sobre a maioria do capital estrangeiro na composição da empresa, Forjaz não teve o que retrucar: *"Não há o que contestar"*.

O executivo tentou justificar isso afirmando que a empresa teria adotado medidas para garantir, administrativamente, o controle nacional da empresa. Não contestou, porém, a ilegalidade da situação.

Zé Maria destacou que, por ser estrangeira, a empresa não tem compromisso com o país, os empregos e muito menos com a estratégia, mas somente "com o lucro rápido e fácil". A reestatização da empresa, segundo o dirigente, *"é uma necessidade, não somente pela sua prepotência e arrogância, mas também por uma questão de soberania"*.

COMITÊ NACIONAL PELA REESTATIZAÇÃO DA EMBRAER SERÁ LANÇADO

Ato de lançamento será no dia 15 de abril em São Paulo

No dia seguinte à audiência, na sede da CTB em São Paulo, foi realizada a primeira reunião do comitê nacional pela readmissão dos demitidos e pela reestatização da Embraer. Compareceram representantes da Conlutas, da Intersindical, da CTB e da Nova Central Sindical, além de importantes entidades dos movimentos populares, como MTST, MUST, Pastoral Operária, entre outras.

O objetivo das entidades envolvidas no comitê é seguir a luta contra as 4.270 demissões na Embraer e pela criação de uma legislação nacional que proteja os trabalhadores brasileiros das demissões coletivas e imotivadas.

Esta decisão do comitê demonstra que a luta contra as demissões na Embraer vai extrapolar em muito a luta específica desta empresa, pois o objetivo do movimento é conquistar uma "Lei Embraer" que proteja o conjunto dos trabalhadores do país contra as demissões.

Além de seguir a campanha de votação das moções e a distribuição do cartaz nacional da campanha, foram definidas uma nova reunião do comitê nacional na Câmara de Vereadores de São José dos Campos, com data a ser definida, e a construção de um manifesto nacional que dê as bases políticas para o desenvolvimento da campanha pela reestatização da Embraer.

ATO DE LANÇAMENTO

O lançamento do comitê ocorre no próximo dia 15 de abril, às 17 horas, na Assembleia Legislativa de São Paulo. O evento será pela reestatização e também pela imediata readmissão dos trabalhadores.